
RESENHAS DE TRADUÇÕES/
TRANSLATIONS REVIEWS

BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Seleção, introdução e tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naif, 2013. 128 p. 366 ils.

Karine Simoni
Universidade Federal de Santa Catarina

O *Decameron* de Giovanni Boccaccio (1313 - 1375) é leitura obrigatória para os que se interessam por literatura e/ou que desejam conhecer o medievo europeu. Depois da *Commedia* de Dante, que retratou a imagem mais complexa do mundo organizado por Deus, Boccaccio, em seu *Decameron*, cuja forma definitiva dá-se provavelmente entre 1349 e 1351, intenta descrever, em uma perspectiva laica, a sociedade dos homens. Para De Sanctis, Boccaccio criou a “nova Comédia, não a divina, mas a terrestre” (2009, p. 417), que tinha como fundamento os hábitos, costumes, sentimentos e mentalidade de homens e mulheres da Baixa Idade Média, representantes de um mundo em transformação – o mundo medieval que a peste bubônica, alastrada em proporções nunca antes vistas, havia tomado e dizimado. Boa parte da Europa, dentre elas a Itália, estaria destinada a mudar irremediavelmente e definitivamente o cenário social, econômico e cultural. Produto da peste, o *Decameron* poderia ser considerado agente dessa mudança, uma vez que “nenhuma obra, quanto o *Decameron*, teve, de acordo com o que sabemos, um imediato e fulgurante sucesso entre o público não literato e uma rápida e vasta difusão no mundo civil” (BRANCA, 2008, p. XI). Diante do cenário desolador causado pela pandemia, a imaginação do escritor combina com propriedade e desenvoltura, elementos

cultos e populares e cria personagens – camponeses, mercadores, viajantes, trabalhadores manuais, frades, freiras, servos, nobres e fidalgos que apresentam diferentes facetas humanas, algumas antagônicas e complementares, religiosas e laicas, ingênuas e astutas, bondosas e cruéis.

É sabido que antes do *Decameron* a literatura italiana não havia vivenciado a experiência de um conjunto de textos escritos em prosa e reunidos através de um fio condutor – a peste, constituindo segundo Asor Rosa, “o Livro por excelência, ou, pelo menos, o primeiro Grande Livro da narrativa ocidental moderna” (2009, p. 321).

A história dos dez jovens – sete mulheres e três homens – todos de origem nobre, que durante a peste que assola Florença se encontram na igreja de Santa Maria Novella para contornar o problema, é bastante conhecida. Após esse encontro inicial, o grupo decide fugir para uma *villa* senhoril a fim de reconstituir a ordem social que havia sido destruída pela peste, e passa o tempo contando histórias no final da tarde, durante dez dias, cada dia com um tema diferente. Resultam dessa experiência cem narrativas distintas que fazem desfilar diante do leitor centenas de personagens, paisagens e situações da Itália do período. Dez dessas histórias compõem a antologia do *Decameron*, selecionadas e traduzidas por Maurício Santana Dias, que é tradutor, crítico literário e professor de literatura italiana da Universidade de São Paulo.

O universo da tradução é bastante familiar a Maurício Santana Dias, que traduziu para o português brasileiro *71 contos de Primo Levi* (2005), *40 novelas de Pirandello* (2008), *Às cegas* (2009), de Claudio Magris, *Trabalhar cansa* (2010), de Cesare Pavese, *Um, nenhum e cem mil* (4ª reimpressão, 2010), de Luigi Pirandello, *Coleção de areia* (2010) e *A especulação imobiliária* (2011), de Italo Calvino, entre diversos outros títulos que englobam literatura, história e ensaística, vários deles premiados. A vasta experiência do tradutor sem dúvida contri-

buiu de forma definitiva para proporcionar ao leitor de língua portuguesa um primoroso e cuidadoso texto do autor medieval. Outro fator diferenciador e determinante para a qualidade da tradução é a familiaridade de Maurício Santana Dias não só com a língua italiana, mas com a obra, com o autor e mesmo com os lugares – vale lembrar as viagens que fez pela Itália, percorrendo os lugares mais significativos nos quais se ambientaram as histórias do *Decameron*, como Certaldo (provável cidade natal de Boccaccio), Nápoles, Florença, Ravena e Veneza, com o intuito de imergir nas paisagens e nas histórias contadas no *Decameron*.

A ideia de fazer uma antologia da principal obra de Boccaccio surgiu em 2008. De lá até 2013, ano da publicação da antologia (e também ano em que se celebraram os 700 anos do nascimento de Boccaccio), Maurício Santana Dias dedicou-se ao estudo da obra, do autor e do contexto histórico, como mostram as cerca de 20 páginas da detalhada introdução, intitulada “O mundo que Boccaccio inventou”. Nela, o tradutor fornece ao leitor uma ampla leitura contextualizada da obra, do autor, do período, dos temas e da crítica, fruto de uma maturidade intelectual alcançada com pesquisas, muitas das quais nas bibliotecas e livrarias de cidades italianas. Vale destacar, a título de exemplo, as informações sobre as diferentes fontes utilizadas por Boccaccio, dentre elas os clássicos latinos, os *fabliaux* franceses, os relatos ocidentais, as novelas de cavalaria e a poesia de amor cortês (p. 13). É evidenciado o papel de *Historia longobardorum*, composta por Paulo Diacono entre 787 e 789, que teria servido de inspiração para a descrição da peste e de seus efeitos nos corpos dos atingidos, feita por Boccaccio nas primeiras páginas do *Decameron*. Maurício Santana Dias preocupa-se também em alertar o leitor que as fontes utilizadas por Boccaccio não diminuem a capacidade criativa do autor, cujo mérito está justamente em reelaborar as fontes para compor sua narrativa. Nesse sentido, o tradutor coloca-se também como crítico, capaz de interagir com o texto, de interpretá-lo e de lançar novos olhares e novas leituras sobre ele.

Parte do material de estudo de Maurício Santana Dias pode ser conferida na nota bibliográfica apresentada ao final da introdução, que apresenta as edições utilizadas para fazer a tradução (com destaque para a edição de Vittore Branca) e alguns dos estudos críticos mais conceituados sobre Boccaccio e o *Decameron*, publicados tanto na Itália quanto no Brasil e nos Estados Unidos, bastante úteis para o leitor desejoso de se aprofundar no assunto. Além disso, o tradutor faz um histórico das traduções inteiras e parciais da obra de Boccaccio para a língua portuguesa, destacando o pequeno número de traduções integrais da obra: apenas três, uma delas plágio. Alguns meses após a publicação da antologia do *Decameron* de Maurício Santana Dias, foi lançada uma nova edição integral do texto, traduzida por Ivone C. Benedetti, que veio somar-se à profícuca divulgação de Boccaccio no Brasil.

O ensaio introdutório da antologia de Maurício Santana Dias conta ainda com a reprodução de manuscritos copiados e ilustrados por Boccaccio, que hoje estão depositados na Biblioteca Nacional de Paris. Aliás, a presença de ilustrações não é exclusividade da introdução, mas perpassa toda a obra, ricamente ilustrada e colorida pelo artista plástico Alex Cervený, que fornece ao leitor a oportunidade de visualizar representações de cenas e personagens de cada novela, bem como rabiscos que retratam desde homens e mulheres nus, até partes do corpo humano, como mãos, olhos e cabeças, além de figuras de arabescos, igrejas, plantas e pequenos demônios. Esses desenhos não só remetem ao tema da novela, como sevem para demarcar a presença de parágrafos existentes no texto de Boccaccio, que na edição de Maurício Santana Dias foram abolidos.

Ainda sobre a introdução, é importante destacar também a preocupação de Maurício Santana Dias em explicar os critérios de escolha das dez novelas, as dificuldades de escolha e o método de tradução. Sobre a seleção das novelas, ele afirma que procurou “montar um microcosmo que pudesse em alguma medida oferecer

ao leitor uma visão macroscópica do *Decameron*". Para tanto, buscou fugir do lugar comum que associa o *Decameron* ao elemento erótico e propõe ao leitor novelas com temas que perpassam tanto o tom popularesco quanto o aristocrático. Além disso, escolheu novelas ambientadas em diferentes regiões da Itália, porque, no seu entendimento, "o *Decameron*, apesar de seu predomínio toscano, também é um grande atlas geográfico na Península Itálica e de seus falares" (p. 24). Outro critério está associado à presença de estudos críticos sobre as novelas, além da preferência pessoal por algumas. Ainda que ressalte a preocupação com a escolha das novelas, Maurício Santana Dias proporciona ao leitor da língua portuguesa uma amostra significativa da obra de Boccaccio, revelando um autor que, não sendo um intelectual como Dante, constitui-se como um observador minucioso e atento da realidade que o cercava.

As novelas da antologia são: *Novela de Ciappelletto da Prato*, "o pior homem que jamais havia nascido"(p. 37), o qual, à beira da morte, consegue enganar um padre e passa a ser considerado santo; *Novela de Andreuccio da Perugia*, história de um jovem comerciante de cavalos que em viagem de negócios passa por vários incidentes até retornar para casa com um precioso anel de rubi; *Novela de Masetto da Lamporecchio*, ambientada em um convento, ao qual um dia chega o lavrador forte e robusto que dá nome à história e, fingindo-se de mudo, passa a ter contatos íntimos com as religiosas; *Novela de frei Alberto da Imola*, que finge ser um anjo para seduzir uma mulher casada, até ser descoberto e encarcerado por seus colegas; *Novela de Nastagio degli Onesti*, o qual, sofrendo por um amor não correspondido, vê uma mulher perseguida e morta por cães e, após saber que se tratava de uma visão, convida a sua pretendente a ver a cena, até que a jovem, temendo um fim igual, aceita casar-se com ele; *Novela de Federigo degli Alberighi*, história de um grande fidalgo toscano que, após gastar toda a sua fortuna para conquistar a nobre Giovanna, sem obter êxito, empobrece e serve a ela o próprio falcão, despertando assim o interesse dela, que o procura para casar-se com ele após a morte do marido;

Novela de Guido Cavalcanti, considerado “um dos melhores lógicos que já houve no mundo e um ótimo filósofo natural” (p. 66), o qual, desafiado por um grupo de cavaleiros, responde a eles de modo tão elegante que eles nunca mais o perturbam; *Novela de Peronella*, que conta como uma jovem napolitana de condições econômicas modestas consegue enganar o marido fazendo com que ele pense que o seu amante escondido em um tonel fosse um comprador do mesmo; *Novela de Calandrino*, que narra como o personagem é enganado por seus amigos, que o fizeram acreditar estar grávido, obrigando-o assim a gastar o dinheiro que havia ganhado em uma herança para pagar um falso médico e “curar-se”; e, por fim, a *Novela de Natan do Catai*, um nobre ancião de fortuna incalculável e de notável simpatia que desperta a inveja do jovem Mitridanes a ponto de querer matá-lo, mas isso não acontece pelo carisma e sabedoria de Natan.

Como foi mencionado, as novelas selecionadas tratam tanto de personagens mais popularescos, como Andreuccio, Masetto e Calandrino, como personagens mais aristocráticos, como Natan, Federico e Cavalcanti, característica essa escolhida pelo próprio tradutor, que, como visto anteriormente, buscou reforçar a grande variedade de tipos humanos presentes no *Decameron*. Apesar de muito diferentes entre si, as histórias escolhidas retratam muito bem o que Maurício Santana Dias afirma ser “as grandes forças que movem o *Decameron* de Boccaccio” (p. 18), ou seja, o amor e o engenho, ou a astúcia humana.

Não há informações sobre a qual jornada pertence cada novela, e estas tampouco são numeradas como no texto de Boccaccio. Essa característica é explicada pelo organizador:

[...] frequentemente, as novelas começam fazendo alguma referência à história imediatamente anterior. Diante disso, quase todo antologista opta por excluir essas alusões e adap-

tar – mutilando – o texto trezentista. Aqui preferi manter a integralidade das dez novelas selecionadas, seja em respeito à letra do autor, seja porque entendi que, não obstante alguma possível estranheza, o leitor por fim encontraria o seu caminho (p. 23-24).

O leitor mais desavisado perceberá uma espécie de “história paralela” na introdução de cada novela, ou seja, antes da narrativa propriamente dita, notará a presença de personagens como Fiametta, Pampinea, Filomena e Filostrato, os jovens que se reúnem para contar as histórias. Também encontrará referência a outras novelas e personagens, como na *Novella de Calandrino*, na qual o narrador Filostrato alerta os jovens que o escutam: “Já sabemos de sobra quem foi Calandrino e os demais personagens que aparecerão em minha novela, sendo assim dispense apresentações” (p. 109). Esse tipo de afirmação não foi omitida pelo tradutor, mesmo que na sua antologia tais referências não existam. A escolha de Maurício Santana Dias em manter o texto de Boccaccio na íntegra indica que ele não subestima o leitor, pelo contrário, acredita no potencial do leitor e o instiga à infundável busca por (re)descobrir a grande rede de relações que formam o universo do *Decameron*. De fato, o leitor mais curioso ou mais interessado não encontrará maiores dificuldades em acessar as informações que foram omitidas pelo tradutor, visto que a obra de Boccaccio é de domínio público e está disponível na internet. Além disso, o texto introdutório, escrito pelo tradutor, constitui-se num ensaio de fundamental importância para compreender o grande mosaico que é o *Decameron*, de modo que o leitor mais leigo encontrará ali as informações de que precisa para entender o contexto da narração das novelas.

Sobre o trabalho de tradução, não seria possível nesse espaço dissertar sobre os pontos mais altos do livro, mesmo porque são muitos; tampouco caberia destacar apenas uma ou outra novela dentro da amostra oferecida. Limite-me então a apontar alguns aspectos relacionados, sobretudo, à capacidade inventiva do tradutor. O

primeiro aspecto a ser destacado nesse sentido é a “fidelidade” à forma, que se inicia já num primeiro olhar, que indica a afinidade entre o texto de Boccaccio e o texto de Maurício Santana Dias no que se refere ao número de parágrafos e na sua extensão.

O texto de Boccaccio foi escrito em um estilo que se aproxima da oralidade, no qual a criatividade do artista se sobressai ao teor intelectual (DE SANCTIS, 2009) ao conferir uma dimensão concreta a um mundo cada vez menos dominado pela Providência. Maurício Santana Dias parece buscar o equilíbrio entre as duas línguas, e não só preocupa-se em manter a forma e o ritmo do texto de Boccaccio como também busca explorar as potencialidades da língua portuguesa do Brasil, num processo contínuo de encaixe das línguas envolvidas. O trabalho do tradutor aproxima-se, nesse sentido, do papel de mediador, discutido por Antonio Prete em *All'ombra dell'altra lingua*. O autor propõe que a tradução é acolher o estrangeiro, é abrigar o Outro, para que “se possa instituir o diálogo”, pois “a diversidade pode se revelar riqueza” (2011, p. 52). A relação de diálogo entre as línguas permite não apenas o conhecimento do outro, como também uma maior consciência do movimento e da potencialidade da língua para a qual o texto é traduzido. Por esse motivo, a escolha do léxico, as inversões semânticas e o ritmo da frase, para citar alguns elementos, parecem fluir na mesma leveza que os leitores do texto de Boccaccio provavelmente experimentaram no século XIV.

Promover a aproximação do leitor ao universo de Boccaccio implica em manter, ao menos em parte, o “sabor” temporal do texto de partida. Maurício Santana Dias parece fazer isso com grande maestria, pois as características do texto de Boccaccio estão presentes na tradução de modo que a linguagem por vezes não deixa de causar um certo estranhamento. É o caso, por exemplo, da utilização de termos pouco usuais no português brasileiro, que remete o leitor a uma linguagem temporal mais arcaica, como nos exemplos que seguem: “Quando convidado a cometer um homicídio ou qualquer

outra coisa ruim, jamais se negava, ao contrário, **aquiescia** de bom grado” [*Invitato ad un omicidio o a qualunque altra rea cosa, senza negarlo mai, volonterosamente v’andava*] (Novela de Ciappelletto, p. 37; grifo meu); “E, sentindo a natural vontade de **arriar** o peso supérfluo do ventre, indagou ao menino onde podia aliviar-se” [*e richiedendo il naturale uso di dovere diporre il superfluo peso del ventre, dove ciò si facesse domandò quel fanciullo*] (Novela de Andreuccio da Perugia, p. 54-55, grifo meu); “[...] topou com Masetto, que, exausto durante o dia pelo excesso de atividade noturna, dormia **derreado** à sombra de uma amendoeira” [*trovò Masetto (il qual di poca fatica il dì, per lo troppo cavalcar della notte, aveva assai) tutto disteso al l’ombra d’un mandorlo dormirsi*] (Novela de Masetto da Lamporecchio, p. 89, grifo meu). As escolhas do tradutor não deixam de ser uma homenagem à própria língua, mostrando a sua riqueza e diversidade, contribuindo também para o aperfeiçoamento do vocabulário do leitor. Por outro lado, há momentos em que o tradutor faz uso de uma linguagem bastante atual: “**Pode ficar tranquila**, que eu nunca vou contar a ninguém” [*Dì sicuramente, che per certo io non dirò mai a persona*] (Novela de Masetto da Lamporecchio, p. 66, grifo meu), “Dona cabeça de vento, que **tinha bem pouco sal na cachola**, se regozijava toda ao ouvir aquelas palavras, tomando-as pela mais pura verdade” [*Donna Zucca al vento, la quale era anzi che no un poco dolce di sale, godeva tutta udendo queste parole e verissime tutte le credea*] (Novela de frei Alberto da Imola, p. 74; grifo meu); “E Buffalmacco: “Bem, **só se for uma coisinha à toa**: mas você parece meio mortício” [*Disse Buffalmacco: “Sì, potrestù aver cavelle, non che nulla: tu par mezzo morto”*] (Novela de Calandrino, p. 110, grifo meu).

Os exemplos poderiam facilmente se multiplicar, de modo que em todo o texto é possível, como já dito, visualizar um dos principais pontos positivos do trabalho: a apropriação do texto não só da língua de partida, mas também o da língua de chegada. É, portanto, uma tradução que não engessa as línguas, mas confronta-as e completa-as, tornando o texto fluído sem deixar de mostrar ao leitor do

século XXI as principais características estilísticas e temáticas do texto de Boccaccio.

Dos tradutores que se dedicam à tradução de literatura italiana no Brasil, Maurício Santana Dias ocupa, sem dúvida, um lugar privilegiado. A tradução das dez novelas do *Decameron* de Boccaccio, acompanhada do ensaio introdutório, constitui-se em um marco para a consolidação de Boccaccio no sistema literário brasileiro.